



Gymnasio de Campinas

ORGAM DO CLUB LITERARIO DR. CESARIO MOTTA

Redactores: ARISTIDES MELLO e LUCAS DE ARRUDA SERRA

ANNO VII

Campinas, 15 de Novembro de 1903

N.º 25

15 DE NOVEMBRO

A 15 de novembro de 1889, num dia em que a natureza parecia vestir-se de galas e os raios escintillantes do astro rei como que oscilavam a face da terra grande, uma espada se desembalara na cidade do Rio de Janeiro para transformar em cacto a «corvoçã» acendrada que se tinha formado, proveniente dessa cidade, desde os tempos colonias acidentada pelos nossos maiores; e foram brilhantemente creados os enforques ingentes dos batalhões do novo credo que, manifestado desde época remota, ganhara terreno pouco a pouco através dos tempos e avassalara todos os espiritos, tornando-se uma necessidade imperiosa e vencedora, contra a qual não havia mais barreiras a opporem-se. A ódta republicana invadira todos os recantos e era uma força temida e constituida pelos intrépidos propagadores da causa santa da democracia, que contava como paisinos muitos os mais eminentes do scenario nacional.

Entretanto, quanto tem sido faleada a obra de Benjamin Constant e de todos os espiritos superiores que constituiram a pleiade heroica dos propagandistas e estiveram na vanguarda do movimento desde dia festivamente bello do 15 de novembro, em que a natureza festiva parecia prenhar uma nova época de prosperidade!

Quão descrepitados têm sido os intentos nobres e louvados dos patriotas que, affrontados todos os empecilhos e agruras que se lhes oppunham, conseguiram firmar em nosso paiz a forma de governo que, em condia com o ideal moderno, com o estado actual da civilização.

E entristecedor o espectáculo que nos apresenta actualmente a nossa formosa Patria, porém não é desesperador: Dia virá em que o actual estado mudar-se-á e uma aurora, rufulento divisar-se-á trazendo-nos a recompensa dos esforços que empregamos, para o engrandecimento da terra amada.

As nossas dores presentes devem ao simenço inspirar-nos energia e perseverança para proseguirmos em busca do bem fu-

turo, que será o de um grande povo, cheio de vitalidade; e estamos convencidos de que proximo está o dia em que a bandeira republicana, difamada e reolcada aos pés pelos despois annos, será a egide das liberdades incisas e, distendida do norte a sul, abrigará um povo feliz e grande, prospero e respeitado, sendo então uma realidade o sonho de Benjamin Constant, o doutrinar do emérito da nova forma, cujos Manes invocamos, nas horas amargas que nos assaltam, para nos incutir coragem e força, energia e perseverança.

Um partido novo deve-se formar e dispor-se á lucta grandiosa da *Regeneração* e, talando as impurezas que nos enfeiam, escalará as posições de responsabilidade, onde só terio asento a probidade e a honra administrativa, que conduzirão, incólme, o leme do barco patrio.

Ónde, porém, encontrar homens puros, dedicados, fervorosos, que se entreguem inteiramente á causa sacrosanta da Patria, para por ella trabalhar? Na classe numerosissima dos jovens filhos de Santa Cruz, constituida pela mocidade decedida, que presenciam as misérias proptas sem com ellas pactuar. Nellas se acham os novos argonautas que, tripulando a Argos Patria, palmilharam illosos e mar de novas desgraças para attenção e fúria da povoal grandeza que nos está reservado nas academias residem essas esperanças.

Tonhamos sempre como guias figuras veneráveis, como a daquelle que é a nossa propria bandeira—o insubdivel Cesario Motta—e promigamos investigações pelo amor estranhado que votamos ao nosso mui bello paiz, ao terrio ubertos onde, em nossos primeiros dias, fomos banhados pelos raios dourados desse Sol tão ri sonho para nós; e haveremos de assistir ao desmoronar de uma eppois-brilhante após a qual, abandonados nos yncarcos da Gloria, a nossa Patria desempenhará o papel preponderante que lhe está reservado.

Estão a flammula tricolor, desfraldada no bello dia aurora bojançosa, será o emblema de uma grande República.

Um anniversario

Foi a 15 de novembro de 1897 que um grupo de jovens esperanças, congregados por um mesmo ideal, installou uma associação literaria. O programma dessa novel sociedade estava traçado, de modo eloquente e bem frisante, na escolha de seu nome e da data de sua inauguração.

De facto, o nome do dr. Cesario Motta e por si só um programma. Espirito eminente, acotumado a pairar nas elevadas regiões de um patriotismo extremo de qualquer outra ambição, que não fosse a de ser um factor do progresso de sua Patria, concebeu e traçou um plano admiravel do combate gineasico que se devia travar entre duas poderosas forças antagonicas—a ignorancia e o saber.

Elevado á posição de ministro de um dos Estados mais importantes da Republica Brasileira, o dr. S. Paulo, comprehendeu o que maior inimigo da nova forma desta nação era a treva profunda que cercava a intelligencia de um povo, cuja energia um passado heroico atestava brilhantemente. Tendo assim percurado os horizontes indices de sua nacionalidade, desde logo empregou inestimaveis esforços em apparellhar o seu Estado para a lucta ingente.

Qual a concepção grandiosa desse audaz ministro, talam hoje os leuros immurchíveis que constituem a aureola esplendente do progresso intellectual da mocidade paulista! E n'ò fora a inexoravel lei da morte arrebatou promaturamente, e a instrução publica de nossa terra seria outra, pois, não ha negal-o, um mesmo plano produziu diferentes resultados, uma vez posto em pratica por espiritos diversos.

Não podia, portanto, ter sido melhor a escolha que fizeram os fundadores desse gremio, pedindo ao nome glorioso do Benemerito estadista e emblema, em torno do qual se reuniram para a consecução de seu intento.

E o dia determinado para a

installação do *Club Literario dr. Cesario Motta*, completava admiravelmente a significação do nome estelido.

Que outra data mais expressiva ha que a de 15 de novembro para a inauguração de uma sociedade, cujo fim unico e patriótico é o de fortalecer os seus associados no amor da Patria, na admiração dos feitos grandiosos de seus ancestrais, na veneração dos vultos eminentes dos antepassados—ao mesmo tempo que os inclina nas pelepas intellectuaes, tendo como armas a penna e a palavra!

Eis o programma bellissimo do *Club Cesario Motta*, synthetizado tão significativamente num nome grandioso, e numa data tambem grandiosa!

Tal programma constituiu sempre a directrix das diversas directorias que tm regido essa tão sympathica e útil associação, nas diversas phases de sua existencia.

Ainda hoje—6-nos grato concessar, a nós que fomos um dos fundadores do *Club Cesario Motta*—estã entregue a um grupo de distintos mibros, que não têm pouado o menor esforço na realisação patriótica desse desiderato, accorream por todos os meios para amam verdadeiramente o nosso caro Brasil!

Assistimos ha pouco tempo ao inicio de uma serie de conferencias que os illustros leites do Gymnasio, socios honorarios do Club, farão nos dias destinados pelos poderes publicos para a comemoração dos factos aurosos de nossa vida nacional. E essa primeira conferencia ha de constituir um traço inapagavel na trilha fulgente do Club, já pela sua alta significação, já pelo brilhantismo de que ella se revestiu, devido em grande parte ao espirito esclarecido do distincto lente sr. Basilio de Magalhães.

Vão do arto a honoreria associação realizando galhardamente o seu fim deixando um surto brilhante por onde as gerações futuras poderão palmilhar, seguindo as indolevas pegadas dos seus antecessores.

Continuavante em sua jornada, e o seu nome se tornará indelivel nos beneficios aut-

riças pelos dignos socios. A estas trizesmos hoje as nossas cordões felicitações, que dejetos, juntamente com os mais calorosos applausos, aos pés dos esforçados directores, cuja dedicacão e o seguro penhor da grandeza futura de tão sympathica aggrégacão.

Novembro de 1903.

CARVALHO R SILVA.

NOSTALGIA

Ferias, ó ferias benditas que vos approximares! Desejava, como Oliveira Martins, possuir uma penna de fadas, e molhando-a no philtro dos magos saudar a vossa approximação e dizer-vos que vos espero com essa mesma ancciedade, com esse mesmo bater de coração, com essa mesma alegria immensa e indefinivel com que a noiva feliz espera, em dia do noivado, o eleito da sua alma! Perguntar-lhe então qual o motivo da minha alegria indescrivivel. Pensar-lhe talvez que oito meses de estudos ter-me-lam fatigado bastante e o descanso que me scenais é como que um condão de fadas que transformará radicalmente a minha vida de agora. E' possível mesmo que imaginasse que as vagas recordações de um passado mais ou menos recente vissem, qual Phœnix da fábula revivendo das suas proprias cinzas, dizer-me algo de esperanças... Mas não! são as saudades, essas filhas dilectas do amor, e que pouco a pouco se vão transformando numa nostalgia profunda, que me fazem espantar-vos tão entrecastado! São as saudades, umas saudades grandes, que fazem de vós o objecto quasi unico dos meus pensamentos.

Mas vós que me ledes e que tendes, como eu, uma Mãe carinhosa e um Pai amoroso longe de vós algumas dezenas de loguats, bem comprehendeis a minha saudade immensa! E vós, saudades, «gosto amargo de intellucto», que vistes um dia diffidilizar em meu coração, ido ao menos contar a Meus Pais que as ferias não tardam em chegar e o dia almejado irei pressuroso, qual andorinha que o inverno faz emigrar á procura de um clima ameno, buscar nas caricias maternares algum alivio á dor infinda que me causa a vossa separação. E si nessa tractatoria encontrarões uma virgem bella, de olhos e cabellos negros, diz-lhe-lhe... diz-lhe que no mundo uma só cousa existe que o tempo não destrõe: o amor do Mãe; e tambem que um pensador disseira que na terra só era verdadeiro um beijo do Mãe.

LUCAS DE A. SKIRA.

REVIVI

A. L. M.

Embora, Archanjo, te esquecer eu tente,
Procure te arredar do pensamento
Eu vejo que é loucura, doído intento
Pois minha alma ao te ver revive e sente.

Marisqueiro de amor com magua lagente
Vejo e porto fugir-me—o Esquecimento
Em meio ao vendaval, exposto ao vento
Da desgraça cruel, da dor pungente

E no entanto soffrendo eu te bemdigo,
Beijo as mãos tão gentis que me prenderam
Nestes elos de amor estreitamente,

Elevando constricto em casto amigo
Fervorosa oração se Deus clemente,
Recordando Illustres que já morreram.

Campinas, 28-10-003.

JOSEMO SAMPALCO DE ALMEIDA SALLES.

ARGONAUTAS DA VIDA

Nam lindo, vergei florido, onde as florinhas ondulavam aos mellos sopros das auras fagueiras, que viam de longe ciciando amores, perfumaram-se com a fragancia suave que exhalava desas mimosas filhas da primavera prodiga... achava-se um poeta.

Um poeta mystico e zumbiro que, depois de ter dedilhado nas cordas da lyra os mais sentidos madrigales á sua divina deidade, veio buscar repouso nas magnificencias sombras de um jasmineiro amigo.

Lá estava elle recostado sobre a relva macia que tapetava de um verde mais um canto umbroso do bello jardim; cansado já de admirar toda a poesia que o rodeava, quasi enbriado pelo perfume do ar ambiente, adormeceu e sonhou...

Sonhou que, com sua amada, partia em busca do Ideal, de um palacio encantado onde o soffrimento é breve e o prazer infinito... Partia...

O céu era limpido e reclinado de estrelas. A sua gondola de amor lá, protegida por uma aragem subtil, angrando lentamente as ondas bonançosas do mar de seus sonhos, em procura daquelles pais que elle chamaria O Novo Eden.

Estavam em alto mar. Avistavam ao longe, quasi no infinito, o fanal irradiante que annunciava a porto desejado. Mas uma tempestado medonha se preparava para vir sobrepuzando-o.

Naveis negras toldavam o céu, offuscando o brilho das estrelas. A tormenta não se fez esperar; as ondas, a principio tão serenas, começaram a enfurecer-se

so sopro do rijo furacão; os relampagos tremeluziam entrecostando o espaço e confundindo-se com as ardentias do mar; o trovão ribombava ao longe com a sua voz cavernosa e teórica.

Estava o bote dos enamorados á mercê da corrente e das ondas bravias que o arrastavam para o pelago sinistro onde lam acumbir.

Quanto mais se approximava daquelle ponto fatal, mais augmentava a furia do violento tufão.

No entanto, ainda tinham es peranças de se salvarem, porque ao passo que caminhavam para o abysmo iam alcançando o almejado fanal.

Já estavam bem perto, convictos da salvacão, quando foram sorvidos pela voragem que lhes deu para leito de noivado as ondas revoltas do oceano furial.

O poeta despertou sobresaltado, quando os raios fulgentes da lua, ao pôr, scintillavam nas petalas das flores alforçadas pelas brumas da noite.

Si tanto soffreu e poeta não illusões de um sonho, quanto soffremos nós na realidade da vida?

Mais! Muito mais!... Porque si o poeta, estando em alto mar, viu o seu bote submergir-se trago pela voragem, elle sonhava, e seu soffrimento foi rapido e não deixou vestigios.

E nós não! si sentimos as farias do temporal até que, exhanstos de forças, tombamos examines! A nossa vida assemelha-se ao sonho do poeta, porque no começo tudo são flores, as ondas são placidas e serenas, a nossa barca é uma petala de rosa que vaga num oceano de amores e venturas. Mas quando já estamos da viagem em meio, perto de alcançar o nosso ideal, eis que co-

meça encapellar-se o mar tremendo da existencia; e o nosso barco navega entre mistros e abrolhos á mercê do vendaval, até que uma mais forte rajada o faça sossoberar!...

Si o poeta soffreu em sonhos, muito mais soffremos nós porque elle foi o nauio do sonho e nós—somos os argonautas da vida!...

SILVIO SILVEIRA.

Campinas, 10-11-903.

INCERTEZA E ESPERANÇA

A'S MINHAS ILMES

Sinto minha alma presa em elos de tristeza.

Melancolicamente chorando essa cruz separação do meu patria lar, meu pensamento se desprende do meu Eu e vertiginosamente allo pelo azul infinito, parlando aqui, ali e em toda parte onde se acha o que mais amo neste mundo.

O passarinho que todo passa ruilando as azas e, modulando canções amorosas, concerta com a mariposa que irisa os campos, num voltar sem fim, na theoria symphonica do concerto universal.

Rege-o a natureza risosa. Assisto-o e, em extasis de amargura, minha alma participante desce mysticismo e subjugada pela terra e esmagadora mão da incerteza.

II

A primavera que espalha pelos ares seus sylphos, rejuvenescendo a natureza, florindo prados e esverdeando campos, diz-me: Espera.

Passamos a illusoria vida primavera confiantes, sempre, na Esperança.

O futuro, perto immenso e cheio de trevas, abordeal-o-emos na barcaola da Esperança impulsionada pelos remos da Illusão, Illusão e Esperança, balizadas das imaginações doentes!

Tudo são illusões! tudo são esperanças!

Para mim só ha tristeza e somente vivo de melancolicos pensamentos.

Mu coração, afogado, mergulha em illusões de out'ora, vacilla beje entre a magna incerteza do meu futuro e a benéfica e ultima illusão a quem chamo Esperança.

Campinas, 1903.

A. NICCIO.

DESMENTINDO

Amavam-se muito. Uma tarde, quando a sós sonhavam em almejar futuro, Carlos recebeu ordens para partir, afim de terminar seus estudos. Ella, prevendo uma separação talvez fatal, supplicou-lhe que não a abandonasse e elle chego quasi a desobedecer a ordem paterna. Mas era por tão pouco tempo. . . .

Algumas lagrimas foram o mudo testemunho do juramento tolenne que justavam nessa despedida tão commovente.

Possuida de uma dor incomprehenhavel, seu corpo já tão frágil, desfilava-se pouco a pouco, até que veio a morte cruel.

Tarde horrenda essa, em que toda natureza parecia soffrer a perda d'aquelle anjo encarnado. Os passaros não gorgijavam, como de costume, á sua janella. Tudo era triste

Carlos não suportou a dor da saudade e ell-o de regresso á terra natal. Corria presuroso para ver sua amada, quando dizimou que ella já não existe.

Foi então ao cemiterio e ao pé de uma cruz que indicava os despojos do ente querido plantou algumas saudades, regando-as com suas lagrimas.

II

Quem é aquelle monge tão joven e que no entanto já affronta a morte affoutamento, á cabeceira dos enfermos?

Quem é aquelle amigo desvalado que leva a paz d'alma aos moribundos e que sempre tem nos labios uma palavra de conforto, de animação, de alívio aos infelizes moribundos? Será Carlos?

Mas, si em seus olhos não vejo aquelle brilho de outros tempos?

Em suas faces mirradas, em seu corpo fragil, eu não descubro nem mesmo as apparencias d'aquelle esbelta rapaz de outrora?

Os cilicios, as jejuns as penitencias continuas tinham-no deixado assim.

Apos affrontar tantas mezas a morte, foi por ella tambem ceitado e succumbiu com os outros fitos na imagem do Cordeiro.

Elle preferiu nos gozos e prazeres do mundo a solidão d'claustru e soffrer na terra para ser recompensado no céu.

ALVARIS.

IRONIA

AO LUCAS SERRA

I

A mim, que chorava, perguntaste, um dia, qual a razão para tanta magua.

Lembras-te?

—Allegoricamente, contei-te que amava a uma loura e encantadora filha da soberba Albion.

Comprehendeste-me e sorrindo ironicamente exclamaste: Louco. Esmagou-me a tua ironia, mulher! O clamo que tinha de ti corria-me a alma assim como o teu desdem o meu coração!

Amava-te apaixonadamente!

II

A mim que sorvo, alegre e presenteiro, constantemente me perguntas qual a causa de tanta alegria?

—Ironicamente sempre te respondo:

Amei a uma mulher com o delirio que nos abrasa o cerebro e o coração. Jurei-lhe amor eterno e ella, desdenhosamente, fingindo não me comprehender, sorrindo das minhas fúrias, chamou-me: Louco.

Passaram-se os dias e como elles as minhas illusões. Hoje meu coração empoderado ri-se das minhas tolices de outrora

SILVINO DAS SILVAS.

A MISERA

A VICENTE PACHECO

A noite sorprehendera em caminho, envolvendo-a em seu manto escuro. Ella, estarrapada, com seu filhinho tritante junto ao peito, caminhava; caminhava sempre com um desejo ardente de encontrar um abrigo que lhe amparasse nessa noite tenebrosa.

O trovão, com seu ribombo pavoroso, fazia-lhe sahir do peito as agudões implorar a cada passo a protecção de Deus.

Seguia e caminho a ermo com o filhinho que, atemorizado pelo clarão do relampejar se extremecia e chamava a todo instante pelo doce nome de Mãe, encoberto-se nos seus braços.

Cançada de tanto viajar e desalbedada, aborá á primeira arvore que poud discernir na escuridão, quando relampejava e sob suas frondes espera resignada o impeto da borrasca ameaçadora.

Começam a cahir os primeiros grãos, vão augmentando de

instantes a instantes e em breve o solo torna-se todo esgarçado. A torrente formada arrasta comsigo troncos, galhos, offerecendo um espectáculo diálvino.

Alli em baixo da arvore, a unica creatura condolida da sua sorte, só, cuidando da sua salvação, tira do corpo o ultimo trapo que lhe resta e envolve o filho prestes a succumbir e que já soltava gemidos lancinantes de dor e de terror.

No dia seguinte, esplendidamente diaphano, apenas ornado aqui e allí pelo cirrus encantador, que de vez em quando se formava, enfeitando o infinito azul com suas grinallas, os camponeses começaram a visitar os destroços do furacão destruidor; então os viandantes, que pela estrada andavam, após á scena horrivel da vespera, sempre cheios de admiração pelas ruínas, encontraram a mãe estremecida, já sem vida, abraçando o corpo inerte do filhinho amado

Campinas, 25-10-903.

RUPINO VAZ.

OTTONI

A C. F.

Ah! Quanta dor sinto em não tel-o conhecido, em não gosar as caricias de um irmão que occupava minha face e eu era tão pequeno que não sabia retribuir-lhe...

Hoje quero vel-o, quero accricial-o e affagai-o, mas o marmore, o marmore ingrato me impede e apenas sinto nos labios a incipider de uma pedra Impiedosa, que n'ó se deixa levar pelas roças de um coração saudoso e de uns olharos avidos de transpor-a para ver alguém por ella occulto

Quanto pesar invade o meu intimo! Quantas lagrimas me rocam pela face!

A' tarde, quando o sol baixa no horizonte e á brisa sopra os arvoredos, ouço no cicio o seu respirar e como o unico consolo que me resta, clamo o seu nome:

Ottoni! Ottoni!

Sómente me responde o echo que se quebra do tumulo em tumulo, repetindo as mesmas palavras, indocinas e confusas:

—Ot .to. ni! Ot...to...ni L..

Oh tristeza! Elle dorme ao pé de mim e não me ouve!

Campinas, 10-10-903.

ALEIXO SERRA.

O LOUCO

Te que tezes mal'avras...

Lá está o velho folho apaixonado.

Vem, Gilda, vem sentar-te aqui bem junto de mim, e pouca a tua mão nas minhas, hoje que só a morte nos poderá separar; quero contar-te porque me tornei tão triste, desde o dia em que as tuas mesmas almas se amaram... Ouves: Uma occasião, abandonei esta cidade, para receber os ensinamentos da sciencia num país distante.

Não te quero entristecer, narrando as maguas que senti, ao arrancar-me dos braços de minha Mãe, nem a dolorosa nostalgia que soffri, longe dos que me eram caros.

O teu coração é puro e casto como bello e doce é o teu nome, e com uma alma terna como a tua, facilmente comprehenderes o quanto padeci.

Nas horas da folga, quando em companhia dos collegas, procurava distracções para o espirito, fazendo as forças para o estudo, notei que era alvo das suas estuvas brincadeiras, um exquisiteiro personagem. Imagina tu, querida, um homem de regular estatura, bella e espaçosa fronte, cabellos de um louro suave, passando-lhe além dos hombros, olhos azues, Impidões... um Christie!

Diziam-me ser elle um louco; nunca lho ouviam uma palavra. Seguia com a vista todas as jovens de cabellos e olhos negros, assim como os seus... e por isso diziam-no louco.

Uma noite, em que eu errava pelas ruas da grande cidade, instinctivamente dirigi-me para o caos, deixando correr e pensamentos por sobre os mares, até aqui, até esta terra, que no dizer do poeta «Tem tantas bellezas tantas...» encontrei-o curvado sobre o patupello do pedra, com os olhos fitos nas tendas, que reflectiam os arguteos raios da lua em pleno zenith; approximei-me, e exclamei: amigo! Elle teve um ostrometimento, e voltado-a perguntou:

—Quem és para me dares esse nome?

Quem será meu amigo, agita que todos me conhecem e me appellam de louco? E'a capaz de repetir esse nome deante d'essa sociedade cheia de vicios e preconceitos do que fazes parte?

—Sim, sou o, respondei; que te importa, saberes quem eu seja? Eu sou um extrangeiro que contigio sympathias, e que não cre' sero a um louco e não me longamente, e respondei...

—Obrigado! sim dices bem, eu não sou um louco. Vou contar-te a minha historia, o que inda não fiz a ninguém. E'a moço, inspira-me confiança o teu rosto, e o teu coração sobre me entederá. Tinha eu approximadamente a tua idade, quando vi uma joven, bella, tão formosa... que

nenhum mortal a saberá descrever; amei, fui amado, e casámo-se...

Passou então comovido, voltou-se para o mar, e conservou-se mudo por alguns minutos, continuando depois, com voz alterada.

—Durante cinco meses, habitei o paraíso, e depois, creio que se não tiveram inveja da minha ventura... robará-nos a mim, morrerá, deixará-me só, com esta dor que avassala todo o meu peito! E isto mais que suficiente para se enlouquecer, e contádo assim não succederá!

Abandonei a sociedade dos que pareciam ser meus amigos, deixei crescer os cabelos que me fazem lembrar os d'ella... e por isso, julgam-me louco! Sim, sou louco, mas é por ter-lhe subesvidado, quando me bastava uma bala, para seguir-lhe no outro mundo! mas eu não que; eu quero morrer, quando Deus julgar chegado o momento, e será sobre o seu túmulo onde costumo passar parte das noites, misturando as minhas lagrimas com o orvalho da terra, e a minha voz com as trindades dos passarinhos que festejam o raiar do dia. Aproxima-se a hora, adeus...mas, não me vos, sem dar to um conselho d'amigo:— nunca abras o teu coração a qualquer sentimento puro, porque mais vale nunca ter tido amado, do que soffrer o que eu soffro; adeus! e desapareceu na sombra.

Quis seguir esse conselho, mas não pude! tu me fizeste quebrar todos os juramentos que havia prestado de nunca smir. Era por isso, era por me lembrar d'aquelle desgraçado, por temer a infelicidade, que o meu coração se sobressaltou com tristes proezas, quando as primeiras minhas fustações do teu amor não fizeram vibrar a alma.

—Mas hoje rejeito, pois vejo, que Deus, quando na sua infinita bondade nos criou foi para nos unir...

VERACIOSO

Um estudante em ferias

DEDICADO A ALZUMEM

Elle era estudante. Espirito elevado, cheio de vida e de amor! Kristian no seu cerebro o sentimentalismo da poesia, essa luz que dá vida á alma! Era nas ferias de S. João, ferias que, como de costume, vinha passar com uma familia conhecida na villa de..., onde tinha occasião de gozar dos divertimentos que uma villa pode offerrecer: solréas, espectáculos, pic-nics, etc. Foi num destes últimos divertimentos que

appareceu a segunda filha de um fazendeiro da localidade, uma moçena encantadora e poetica. Em pouco tempo, uma correspondencia aborçada de realces os mais affectuosos, enternecedores, começou entre elles a ser trocada com assiduidade. Quando as ferias acabaram, foi um dia de verdadeira tristeza para ambos. Mas, como os estudos em todas as escolas são seguidos do descanço necessario, novas ferias os reuniram e os corações, communicados pelo amor dos quatorze e dos dezoito annos, entraram no aureo campo do ideal.

Trocavam-se versos altamente inspirados, que eram recitados entre as acclamações dos circumstantes nas reuniões; enfim, um verdadeiro delirio. Um bello dia combinaram um passeio á tarde pelos campos e ali foram ao pé do sol, contemplar os verdéjantes prados, as aguas crystallinas que corriam das fontes, as formosas flores, e as borboletas azuis...

II

INOTTO

Passaram-se alguns annos. Ella casou com um advogado, e vive feliz. Carlos, formado, advoga na antiga villa, porém não se si tem a mesma sorte d'ella. Muitas vezes ella procura saber noticias do antigo estudante e os seus olhos enchem-se de lagrimas, quando se lembra da epocha da sua incidencia. Quanto a elle, considera-se desgraçado e arrepende-se muito do seu procedimento. Segundo o que li alguns o homem é egotista, essencialmente egotista, sulfocando todos os sentimentos em favor de sen. E' a mulher quem o faz amoroso, meigo, resignado, emprestando-lhe ternura, piedade e crença.

MARALL

INORATIDÃO

Existirá, por ventura, coração mais perdido sobre a terra que o da mulher ingrata? Elle fere com as lanças da falsidade a alma do homem e com tanta crueldade que lhe tira a morte. As cicatrizes que produz são mais dolorosas que as da foice inimiga, mais cruéis que as

produzidas pelas garras do faminto leão; estas são de effeito rapido e physico apenas, aquellas duradoras e moraes, trazendo a agonisa lenta no infeliz por ellas perseguida, abate cebrinha, postro-o.

E assim que vejo a vida abandonar-me nos pozos.

E porque? Por um golpe contra mim desfechado e que me attingiu profundamente.

Seria isto, por acaso, villado pelo mio ranguarina do inimigo?

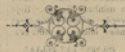
Não, foi pelo coração a que eu jurara perfecer, pelo coração da mulher que com palavras fingidas de amor conseguiu captivar-me.

Oh! tu, esbelta e trahidora virgem, si vires um dia fiadar-me a vida, certos momentos de remorso, que por mim responderá ás tuas falsidades.

Não te admiro mais o caracter ou a belleza moral, mas a belleza physica que possues, o do que és o verdadeiro typo.

Por ti soffro dores cruentissimas e só por ti, só me restaa na morte alivio ás tuas ingratiões.

PLAVES



SOBRE A MESA

Recebemos e agradecemos:

Revista de Escripto, da Associação Beneficente do Professorado Publico do S. Paulo, n. 4; revista com justiça muito apreciada por todos que se interessam pela causa de nossa instrucção publica; *Minerva*, n. 3 do anno 1.º, rica de bons sonetos; *A Luz*, n. 1 do anno 1.º, está bem feita revista paroccos que terá longa vida a julgar pelo primeiro numero; *Le Journal Français de Brésil*, que continha visitar nos; *anuidadimento A Epoca*, organ do Circulo Juizido Academicos Condador e o *Consultante* todos de S. Paulo, *Correio Commercial*, *O Sano*, *A Aurora*, de Franca; *A Tribuna*, *O Trabalho*, do Iacarehy; *A Comarca* e *O Mopiano*, de Mogyimir; *Correio de São Carlos*, de São Carlos do Pinhal; *A Tribuna Mineira*, de Santa Rita de Casaria, Minas; *Cidade de Espingarda*, de Espingarda; *Cidade de Deus*, de Deus Corregua; *O Ourelo*, de Itatuba; *O Concor Mineiro*, de Jaguaray, Minas; *Gazeta de Bagny*, de Itapira, e *A Mocidade*, de Limeira.

Pedimos aos nossos leitores relevarem-nos as possíveis incorrecções que possam ter sahido no presente numero do «Gymnasio», pois motivos imperiosos obrigaram-nos a deixar de rever algumas provas.